

HOMENAGEM AO PROFESSOR BENJAMIN LINS

A Universidade Federal do Paraná homenageou a figura do Prof. Benjamin Lins, inaugurando uma placa, no saguão do Setor de Ciências Sociais Aplicadas, sede da antiga Faculdade de Direito, por ocasião da passagem do centenário de nascimento do saudoso mestre, ocorrido no dia 29 de janeiro de 1976.

Falou na oportunidade o Prof. José Nicolau dos Santos, que lembrou a vida e a obra do grande jurista.

Em nome da família do homenageado, usou da palavra o Dr. Nelson F. Lins D'Albuquerque, que produziu o seguintes discurso:

"Ao Exmo. Sr. Prof. Theodócio Atherino, Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná.

Ao Exmo. Sr. Diretor da Faculdade de Direito.

Ao Exmo. Prof. José Nicolau dos Santos, magnífico orador desta solenidade.

Aos eminentes Professores do Egrégio Conselho Universitário.

A tôdas as demais autoridades universitárias, civis, judiciárias, militares e eclesiásicas que prestigiam a solenidade com suas presenças, dando-lhe excepcional relevo, as nossas saudações e agradecimentos.

Minhas senhoras e meus senhores:

É sempre sob o influxo de uma intensa e indisfarçável emoção que, de par com o meu acendrado amor e admiração filial, lembro a figura de meu saudoso pai, o Prof. BENJAMIN LINS, nos fastos da história da emancipação cultural do Paraná com a criação da Universidade que é, na expressão lapidar do eminente OLIVEIRA FRANÇO SOBRINHO, "autêntico monumento de tradição continental universitária", no imensurável campo horizontal da cultura latino-americana.

Por isso, meus senhores, sopezada a minha responsabilidade de intérprete da família do homenageado, que teve a ventura e a predestinação histórica de proferir a primeira aula na Universidade do Paraná, em 24 de março de 1913, assinalando o marco inicial indelével dos cursos de nível superior, resolvi não ficar à mercê dos azares de uma saudação improvisada, pois a minha palavra, peiada pela mais justificada emoção, poderia, segundo Augusto dos Anjos, "esbarrar, impotente, no mulambo da língua paralítica". E escrevendo-a para transmití-la colorida com as expressões mais cálidas do nosso agradecimento, salvo-a do esquecimento, gravando-a com o escôpro da emoção entre honras maiores e as mais caras efemérides para nossa grei familiar.

Disse alguém, com absoluta propriedade expressional que, "quando caminhamos pela vida, é o passado que vai à nossa frente. Essa sombra é a luz que nos guia".

E que maior elegía poderia eu tecer aos Mestres mortos, em uma oração dirigida aos vivos, de que, à imitação de PROUST, empreender uma viagem sentimental em busca do tempo transcorrido e ir buscar o Direito no longínquo passado da História?

Ditosos aquêles que se escudam e louvam na história de seus ancestrais e de seus Mestres do passado, porque têm atrás de si uma porta aberta para fugir ao presente nebuloso, aliviando, na contemplação de venturas que já se foram, o amargo do fél que ora lhes trava a bôca.

Abramos o desfile processional das evocações, com um convite que venho fazer-vos, alegrando-me antecipadamente com o vosso assentimento, imposto como imperativo do coração, antes de sopezado pelo raciocínio.

Assim, dêmos a mão ao espírito do passado, rebusquemos no repositório da retrospecção os longes da História e fechamos os olhos para vêr melhor.

No comêço foi assim, no Egito, na Grécia e principalmente em Roma, quando o verbo do jurista, segundo VALÉRIO MÁXIMO, correspondia às homílias dos sacerdotes: "Jus civile per multa saecula inter sacra ceremoniasque deorum immortalium abditum, solisque pontifícibus notum", e ULPIANO pôde definir a jurisprudência como "rerum divinarum atque humanarum notitia".

Também na história Pátria foi assim.

Se remontarmos à recuada época da instalação dos cursos jurídicos no Brasil, veremos em São Paulo, no Largo de São Francisco, estuário generoso e magnífico para onde converge a causa tumultuária das reminiscências históricas do Direito Brasileiro, em frente, confundidas no mesmo corpo de edifícios, estreitavam-se em abraço secular as duas irmãs gêmeas: a Igreja, morada de Deus, e a Escola, Tabernáculo do Direito.

Daí, do tôscos casúlo de arquitetura barrôca, que as mãos piedosas de frei Francisco das Neves, em 1643, chantaram no topo da colina de São Francisco, nascia a Faculdade de Direito, que a visão predestinada de JOSÉ FELICIANO FERNANDES PINHEIRO, o Visconde de São Leopoldo, plantou no humilde burgo de JOÃO RAMALHO.

Entre as reminiscências que se vão sucedendo, na história da Nossa Universidade, uma avulta, no mais visível relêvo, enorme e espantosa pelo significado, como se os contôrnos lhe tivessem sido debuxados em água-forte por um RAFAEL detentor do segredo das obras eternas.

Ainda desta feita, os Mestres todos, a quem nesta homenagem também reverenciamos, nô-la deram.

Sabeis, caros Mestres, que há atitudes que falam por um Povo e gestos em que palpita, inteira, a alma da nacionalidade.

Assim foi na história da nossa Universidade, quando, para a obra de restauração e autonomia das Escolas que integravam a sonhada e concretizada "Universidade do Paraná", os Mestres de todas as Faculdades, ao receberem títulos da dívida pública do Estado, como pagamento de seus vencimentos de 60 mil reis mensais, atrasados há mais de oito anos, renunciaram a êsse pagamento, para que a pequena fortuna viesse enriquecer o minguado patrimônio das Escolas que por exigência legal, tinha que superar os 300 contos de reis, sem o que não seriam elas reconhecidas pelo Governo Federal.

Entre maiores vantagens pessoais e o magistério gratuito, não titubearam, optando pela cátedra, com o sacrifício de outras atividades lucrativas, que foram reduzidas.

Nunca subiram eles tanto, como ao descer da sólida peanha de outras funções, melhor aquinhoadas em vencimentos e no versátil favor público. Foi um exemplo nimbado pelo háló do sacrifício e uma lição imortalizada pela renúncia beneditina.

Como bem poucos, já naquela época, eles sabiam que, ao lado do fuzil, o livro simboliza a soberania da Nação e que, se os militares são os representantes do Povo na defesa do território, os Mestres são os emissários da posteridade para garantia da permanência da Pátria e de suas soberanas instituições estruturais.

Subscreviam com tal conduta o pensamento de LUTHERO, segundo quem "a criação de uma Faculdade vale por um ato de império" e ratificavam o desejo de JEFFERSON, pedindo que na sua lage tumular fôssem olvidados os mais expressivos títulos e benemerências, para que alí figurasse, singelamente: fundador de uma Universidade.

Entre êsses falangiários do dever, Senhores Professores, estavam o homenageado de hoje e todos os que, ao fazerem germinar a idéia profética de ROCHA POMBO, estruturaram êsse monumento de cultura continental, que é hoje a Universidade Federal do Paraná, e que nos propiciaram e transmitiram, com invulgar proficiência e sabedoria, todas as virtudes e conhecimentos da irreprochável dinastia intelectual a que pertenciam.

Muitos deles atingiram a suprema glória de morrer trabalhando, na profissão ou na cátedra, a ilustrar com mais um exemplo a formosa parêmia latina "talis vita, finis ita", como acontecera com PETRARCA, cuja cabeça rolou sem vida sobre o livro que estudava.

Sem dúvida, todos nos lembramos ainda, recem egressos da Universidade, orgulhosos e convencidos pelos lauréis conquistados no curso, e repentinamente entrando num cruento período de noviciado profissional, fáse em que a nossa vaidade adolescente foi ciliciada.

Durante algum tempo, como pobres Faustos inesperadamente órfãos dos sortilégios de Metistófeles, erramos, desarvorados, pelos ásperos caminhos da dúvida hanletiana, empurrados pelos mil braços das tentações, disparando para o extremo oposto: após a floresta tropical das ilusões, vinha o deserto arenoso e sáfaro do negativismo.

Foi só depois dêsse período que, tocados pelo milagre da fecundação, encontramo-nos, a nós próprios, no equilíbrio da moderação, sentindo, não no convencionalismo das palavras e atitudes, mas em nossa carne e em nosso sangue, a presença gigantesca dos Mestres em nossas vidas, a gizar o caminho das vitórias.

Esta oração, pois, não é egoisticamente uma manifestação só

do nosso regozijo pessoal, pela expressiva e cálida homenagem que a Universidade Federal do Paraná presta a um dos seus fundadores, e, sim, o mais ardente preito de gratidão de tôdas as gerações de profissionais, titulares de toda a gâma de conhecimentos que a nossa Universidade hoje difunde, a brasileiros e estrangeiros, em nível continental, imborrável gratidão ao Mestre de todos os tempos.

—
Ao final, em nome dos familiares do Prof. BENJAMIN LINS, quero agradecer, dos mais íntimos refólhos da minha alma, ao Magnífico Reitor da Universidade Federal do Paraná, Prof. THEODÓCIO ATERINO, a iniciativa de tão relevante homenagem, perpetuando no bronze desta placa a mais elevada e significante láurea de consagração universitária em memória de meu pai, e que se constitui num imperecível título de orgulho para todos os seus descendentes de muitas gerações.

Ao propósito, desejo manifestar toda a nossa gratidão ao eminente Prof. JOSÉ NICOLAU DOS SANTOS, pela magnífica e comovente oração proferida nesta solenidade, reveladora da multifária solidez de sua cultura, justificando, em toda plenitude, os títulos que conquistou em sua afanosa vida universitária, e trazendo-nos rediviva a presença comovida e saudosa de meu venerando pai.

Não posso deixar sem registro especial o relêvo ímpar que deu a este ato a presença do Magníficente Conselho Universitário, a demonstrar a sobranceria e orgulho com que seus integrantes ostentam os títulos da dinastia cultural a que pertencem, cultuando um dos seus pares do passado.

A todos, pois, a gratidão que estará eternamente marmorizada em nossa memória e em nossos corações".